

narrativas algoritmizadas ou educacionais a disputa entre futuros prováveis e possíveis

algorithmic or educational narratives The dispute between probable and possible futures

Carlos Batista

Doutorando em Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Comunicação UNIP/SP

São Paulo, SP

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5190-6721>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17409205>

Resumo: A partir de 2025, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em um projeto piloto, utilizará a Inteligência Artificial (IA) para correções de questões de estudantes do Ensino Fundamental e Médio, por meio da ferramenta “*TarefaSP*” (SEDUC, 2025). O uso desse tipo de tecnologia, em detrimento dos métodos humanos de análise de conteúdos interpretativos instiga o objetivo principal deste estudo no sentido de compreender se as narrativas comunicacionais realizadas no presente com suas projeções para o futuro da linguagem educacional, deverá ser baseadas em tecnologias, de forma contínua (SANTAELLA 2023) ou de forma oposta, e não necessariamente complementar, deve explorar possibilidades críticas e inclusivas, trazendo à tona os conceitos educacionais entendidos pela práxis social (SOARES, 2011). Para a materialização do estudo, se utilizou da metodologia qualitativa instrumentalizada pela análise de discurso de resultados bibliográficos pesquisados, tanto na mídia como em obras de teóricos, dos quais destacam-se: Charaudeau, (2019); Hohlfeldt, Marino, França (2019) para comunicação e Jenkins (2009) para tecnologia. A pesquisa foi ainda enriquecida por análises de relatos de experiências em campo. Na parte de discussão, apresenta-se a projeção do futuro por narrativas entendidas como uma construção imaginativa social entre prováveis futuros algoritmizados ou possíveis futuros inclusivos, teorizadas por Appadurai (2013), onde se caracterizam embates naturais. Ao final, entende-se que as questões éticas e dicotômicas teorizadas por Appadurai podem trazer novas soluções para reflexão. No entanto, a experimentação se faz necessária para, por meio dos resultados, modelar novos cenários, mesmo que presente e futuro tendam a ter vieses probabilísticos.

Palavras-chave: (1) Mediação; (2) Letramento; (3) Ecossistema; (4) Cultura digital; (5) Dados.

Abstract: Starting in 2025, the São Paulo State Department of Education, through a pilot project, will employ Artificial Intelligence (AI) to correct student assessments in elementary and secondary education via the tool

“TarefaSP” (SEDUC, 2025). The use of this type of technology, in contrast to human methods of analyzing interpretative content, raises the central aim of this study: to examine whether communicational narratives developed in the present, together with their projections for the future of educational language, should be continuously grounded in technology (SANTAELLA, 2023) or, conversely—and not necessarily in a complementary way—should explore critical and inclusive possibilities by bringing forth educommunicative concepts understood through social praxis (SOARES, 2011). To achieve this, the study adopts a qualitative methodology, operationalized through discourse analysis of bibliographic sources, both from media outlets and theoretical works. Among the latter, the following stand out: Charaudeau (2019); Hohlfeldt, Marino, and França (2019) in the field of communication, and Jenkins (2009) in the field of technology. The research was further enriched by analyses of field-based experience reports. In the discussion section, the study presents the projection of the future through narratives understood as a social imaginative construction between probable algorithmized futures and possible inclusive futures, theorized by Appadurai (2013), where inherent tensions are observed. Ultimately, it is argued that the ethical and dichotomous issues theorized by Appadurai may offer new pathways for reflection. Nevertheless, experimentation proves necessary to model new scenarios through their outcomes, even if both present and future tend to display probabilistic biases.

Keywords: (1) Mediation; (2) Literacy; (3) Ecosystem; (4) Digital culture; (5) Data.

Introdução

A partir de 2025, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, por meio de um projeto piloto, começou a utilizar recursos da inteligência Artificial (IA), para correções de questões de estudantes mediante a ferramenta intitulada: “*TarefaSP*” (SALA DO FUTURO).

Segundo Noronha (2025: 1) em reportagem para à CNN Brasil os “[...] *estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio da rede estadual de ensino terão apoio [...] de correção virtual [...] nas atividades [...], [destinadas] às lições de casa.*”

Renato Feder¹, cita na mesma reportagem que o objetivo é a otimização do trabalho do professor, segundo o secretário, “*com o assistente de correção por IA, conseguimos ampliar o número de questões dissertativas na “TarefaSP” sem onerar os professores com as correções*” (NORONHA 2025: 1). Feder ainda destaca que à IA pode melhorar os engajamentos dos estudantes e permitir maior tempo livre para os docentes se dedicarem à docência.

O uso desse tipo de tecnologia, em detrimento dos métodos humanos de análise de conteúdos interpretativos, instiga o objetivo principal deste estudo: compreender se as narrativas comunicacionais realizadas no presente, com suas projeções para o futuro na área da linguagem educacional, devem ser baseadas em tecnologias, isso de forma crescente (SANTAELLA 2023). Ou de forma oposta, e não necessariamente complementar, orientadas por possibilidades críticas inclusivas, trazendo à tona conceitos educomunicativos entendidos pela práxis social e suas inerentes interações (SOARES 2011; CITELLI 2011).

Dessa forma, e para a materialidade do estudo, utilizou-se a metodologia qualitativa instrumentalizada concretizada pelas análises de discursos dos resultados bibliográficos pesquisados. Tanto nas informações coletadas pela mídia, durante o período de lançamento do projeto, como pelo aporte teóricos, que dentre os quais se destacam: Charaudeau, (2019), Hohlfeldt, Martino, França (2019), com conceito de comunicação; e Jenkins (2009), com tecnologia. Além da análise de relatos de experiências em campo, que permitiram o do fora o enriquecimento deste estudo (MINAYO 2014; MAAR 2025: 13-15).

Na parte destinada à discussão e à base desta possível ressignificação comunicacional, tem-se a projeção do futuro por narrativas entendidas como uma construção imaginativa social entre prováveis futuros algoritmizados ou possíveis futuros inclusivos, teorizadas por Appadurai (2015), onde interpretam-se naturais embates. Ao final da investigação, traduziram-se os potenciais cenários e consideraram-se propostas reflexivas sobre todos os modelos apresentados.

¹ **Renato Feder** é Secretário da Educação do Estado de São Paulo (2022 - 2026).

Atos comunicativos: o estudo da práxis até o porvir

De acordo com França e Simões (2016: 27), comunicação tem como objetivo estudar a concepção na forma de perceber, de observar e de enquadrar quaisquer tipos de ações evocando suas dimensões interacionais. Sendo assim, a comunicação é compreendida como uma ação “*natural*”², no sentido que os indivíduos tendem sempre a compartilhar e transmitir informações, por meios verbais e/ou textuais. Em outras palavras, trata-se de um processo inerente à vida social e às complexas práticas comunicacionais que resultam no desenvolvimento de técnicas e de novos meios para compreender e fomentar essa demanda coletiva para melhores conhecimentos (HOHLFELDT; MARTINO & FRANÇA 2019). Ressalta-se, ainda, que o desenvolvimento destes aprendizados estimula a prática ativa, entendida pela discussão de novos saberes (CITELLI & COSTA 2011).

Aliada à comunicação tem-se a educomunicação, teorizada por Soares (2011: 17) como uma educação que: “[...] só é possível enquanto ‘ação comunicativa’, uma vez que a comunicação configura-se, por si mesma, como um fenômeno presente em todos os modos de formação do ser humano”. Sobre a educomunicação o autor enfatiza que a interface educação e comunicação, intersecciona estes dois campos, por meio de um processo de construção comunitária entre eles, acrescentando valores, principalmente, do ponto de vista social. Desse modo, é correto afirmar que conceitos educomunicacionais, ao seu modo, expressam tanto a educação como a comunicação para os atos simultâneos de educar e comunicar (SOARES 2011). A práxis, entendida pela prática social educomunicativa constante, conjuga valores comunitários e recorrentes usos de tecnologias para melhor amplitude de resultados fundamentadas atualmente pelas TDICs³, campo comunicacional digital, interativo de maior amplitude apresentado como a evolução histórica das TICs, consideravelmente limitadas em suas abordagens.

Nesse cenário, culturas de convergência e digital (JENKINS, 2009) se tornam igualmente (novos) meios para suas abordagens e aplicabilidades. E dentre todo este recorte socio-tecnológico, como destaque computacional, apresenta-se um conjunto de instruções matemáticas que norteiam aplicativos e processos informacionais, os denominados algoritmos⁴ (HORA 2023: 19-40).

Nos últimos anos, os algoritmos expandiram exponencialmente suas amplitudes. Ao mesmo tempo, conseguiu revitalizar e potencializar uma área iniciada na década de 1950 do século XX, que outrora assumia contornos

² Entendida como inerente do ser humano desde o seu nascimento.

³ Sigla para *Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação*, um campo com amplitude notadamente maior que as TICs (JENKINS 2009).

⁴ Resumidamente compreendidos como instruções matemáticas.

utópicos e distópicos⁵ para o que atualmente se consolidou como inteligência artificial (HORA 2023: 19-40).

De acordo com Santaella (2023: 26), “*sem dados e outros incrementos, inclusive sem a materialidade sofisticada dos chips e dos transistores, da indústria de semicondutores, à IA não teria o sucesso que tem.*” Isto é, o conjunto entendido não só pelos aspectos midiáticos e as quantidades cada vez maiores de informações disponíveis, interpretadas como os incrementos citados, modelou os recursos e possibilitou a variedade de aplicações.

Assim, o sofisticado planejamento probabilístico, portanto, algoritmizado, dimensionou o presente e, conseqüentemente, a projeção de um futuro até então impensável há décadas atrás, envolvendo fatos, oportunidades e (in)previsibilidades, porém também tendo como contraponto a retórica comunitária, inclusiva e não necessariamente tecnológica e complementar (HORA 2023).

O contexto que tende a ser ora probabilístico, ora cercado de possibilidades vem de encontro com as concepções do teórico indiano Appadurai (2015), onde preconiza o futuro como um fator social envolto em três tipos principais de aspectos: a imaginação, a aspiração e a antecipação.

A imaginação é tratada como uma forma de trabalho, porém usando o imaginário como poder centralizador em torno das atividades culturais que o formam de maneira que Appadurai (2015: 244) exemplifica que: “[...] *devemos igualmente lembrar que o futuro não é somente um espaço técnico e neutro, mas sim está atravessado por afeto e sensações*”⁶. Essas emoções são assimiladas por exemplo, como o medo, a desorientação e o entusiasmo. acompanham as expectativas de futuro, e a partir disso a imaginação toma conta de sonhos e de fantasias.

Já a aspiração está ligada à esperança, a uma ciência social progressista, às utopias, desde as antigas revoluções radicais até as novas perspectivas como elemento da vida social cotidiana e com as condições que pode desenvolver. Atualmente, exemplifica-se a aspiração pelo trabalho global dos ativistas e o autor ainda destaca que se caracteriza pelo diálogo que desenvolve entre antropologia e os aspectos econômicos em vista dos estudos de desenvolvimentos que propicia (APPADURAI 2015).

Para a questão do diálogo Appadurai (2012: 246) cita que: “[...] *a aspiração é uma capacidade social e coletiva sem a qual palavras como ‘empoderamento’, ‘voz’ e ‘participação’ carecem de sentido*”⁷.

⁵ No sentido que pode traduzir um cenário ideal, de plena harmonia ou ao contrário, um cenário de opressão e totalitarismo (JENKINS 2009).

⁶ Do original: “[...] *También debemos recordar que el futuro no es solo un espacio técnico o neutral, sino que está atravesado por afecto y sensaciones. [...]*”.

⁷ Do original: “[...] *aspiración como una capacidad social y colectiva sin la cual palabras como ‘empoderamiento’, ‘voz’ y ‘participación’ carecen de sentido.[...]*”.

O terceiro e último aspecto é a antecipação, dirigida diversas vezes à especulação, por isso está centrada nos estudos das abordagens culturais de risco e sua variedade de práticas, sem as quais não se pode recorrer para construções de um futuro probabilístico.

O teórico enfatiza as ideias da antropóloga social Mary Douglas na perspectiva de entender as cosmologias⁸ da sociedade como um território farto de crenças e conhecimentos com diferentes explicações sobre a compreensão do que pode ser o mundo contemporâneo e suas sociedades industriais. Por esse mundo, permite-se abordar os aspectos de riscos das sociedades modernas: “[...] derivados do nascimento dos pensamentos probabilísticos”⁹ (APPADURAI 2015: 250).

Por conta desses aspectos, tensões podem ser estabelecidas entre uma ética do que é possível e uma ética do que é provável. A partir dos tipos de trabalhos (de atividades) que as envolvem, amparando os estudos sobre o que pode vir a ser o indivíduo, ou seja, o estudo das culturas do futuro (JENKINS 2009: 135-186).

O teórico sentencia essa questão pelo fato de que (ibidem, 2015, p. 251, adaptado): “[...] esses dois estilos contrastantes [existem] para sugerir que por trás dos debates e das contradições [...] existe uma luta tectônica entre essas duas éticas”¹⁰. Sendo assim, a ética das possibilidades envolve maneiras de pensar e de sentir para ampliar a esperança, desenvolvendo o campo da imaginação, tendo como resultado a produção de uma maior equidade, especialmente, na área da cidadania, da criação e da crítica. Enquanto, a ética da probabilidade traz a questão do risco, voltadas às emergências, fatores associados ao espírito empresarial e até a certas doutrinas psicológicas e religiosas (APPADURAI 2015).

Relaciona-se, além disso, à dimensão dos jogos e das especulações, conectadas por sua vez às questões de incerteza e de riscos sobre as práticas da vida cotidiana contemporânea assumidamente alicerçadas em tecnologias e mercados cada vez mais sofisticados e instrumentados (APPADURAI 2015). Sinteticamente reflete-se sobre probabilidades futuras intencionalmente algoritmizadas ao passo que tensionam com possibilidades futuras comunitárias, compreendidas pela intersecção entre a comunicação e a educação¹¹.

Uma vez que os conceitos são definidos explicitam-se nos próximos tópicos, tanto o objeto principal de estudo como suas discussões narrativas e por elas, buscam-se relacionar o futuro algoritmizado com as

⁸ Neste caso se entende como as narrativas voltadas às crenças que os indivíduos podem desenvolver.

⁹ Do original: “[...] derivado a su vez del nacimiento del pensamiento probabilístico, [...]”.

¹⁰ Do original: “[...] estos dos estilos contrastantes de éticas para sugerir que detrás de los debates [...]”; y las contradicciones más convencionales en torno a lo que llamamos globalización hay una lucha tectónica entre estas dos éticas [...]”.

¹¹ Sendo assim, a própria educomunicação.

possibilidades comunitárias tendo a finalidade de delinear futuros mais equitativos, do ponto de vista imaginativo, exemplificados a partir do aplicativo “TarefaSP” a ser abordado a seguir.

Sala do Futuro e o “Tarefasp”

O aplicativo¹² “*Sala do Futuro*”, composto por diversas ferramentas internas, tem o propósito segundo a página na web de acesso “*Você sabe o que é a Sala do Futuro*” (SALA DO FUTURO: 1) de: “[...] *transformar a experiência educacional, conectando alunos, pais e responsáveis com recursos que simplificam e enriquecem o processo de aprendizagem.*” Além disso, de acordo com a mesma página, as ferramentas procuram estimular conexões de aprendizagens ativas entre os alunos e a comunidade (SALA DO FUTURO: 1).

Dentre as ferramentas presente no aplicativo, e objeto de análise deste estudo, destaca-se a “*TarefaSP*”, lançada em 2023 (G1 2025).

Segundo o Governo do Estado de São Paulo (TAREFASP:1): “*a plataforma possibilita a criação de listas de exercícios e atividades diversas e disponibiliza tarefas padrão/públicas para serem enviadas aos estudantes ao longo do ano letivo*”. Totalmente integrada ao sistema da Secretaria do Estado da Educação (SEDUC), oferece a disponibilização de gabaritos referente as perguntas, fornecendo o retorno imediato das informações após a conclusão das atividades.

Os recursos do “*TarefaSP*” ainda envolvem a coleta de dados do estudante para organização, apresentação e engajamento de suas aprendizagens (TAREFASP). Além de todos esses recursos, possui ainda um banco de questões que pode ser utilizado no envio aos estudantes, relacionado às atividades do professor, o que possibilita a otimização do trabalho docente e permite a criação de rotinas de estudos ao alunado (TAREFASP).

Em relação à inteligência artificial, a proposta do projeto piloto obedece a três etapas principais: (a) na primeira, as questões da ferramenta ficam disponíveis com base no conteúdo ministrado pelo professor; (b) em seguida, tem-se a parte das questões dissertativas quando respondidas pelo aluno e são analisadas pela IA que compara a resposta efetuada com a resolução elaborada por um especialista na área; (c) por fim, à IA retorna a correção com uma explicação sucinta e o estudante avalia o comentário que recebeu (G1 2025).

O uso da IA será voltado, neste projeto experimental, especificamente, para alunos do Ensino Fundamental do oitavo ano e da primeira série do Ensino Médio, o que corresponde a 5% das atividades respondidas na plataforma (G1 2025; NORONHA 2025).

¹² Ressalta-se que o acesso pode ser feito tanto por computador como por dispositivo móvel.

Percebe-se que o título da plataforma e suas justificativas de uso enunciam a questão de um porvir tecnológico providencial, necessário a ser refletido nos próximos parágrafos.

Narrativas algoritmizadas ou educ comunicativas?

De acordo com Brockmeier & Harré (2003: 527): “*apesar das narrativas tratarem de versões da realidade muito específicas à situação e ao sujeito, elas se utilizam de formas lingüísticas convencionais tais como gêneros, [...] enredo, [e] estória [...]*”, acrescentam-se a esses formatos modalidades que podem envolver inúmeros tipos de retóricas.

Os autores concluem: “[...] a narrativa como um tipo de específico de discurso” (BROCKMEIER & HARRÉ 2003: 527), e por isso, teorizam diversos “subtipos”, dos quais neste estudo, atentou-se ao gênero discursivo. Onde se justifica essa ressalva (e escolha) em vista das projeções de futuro que envolvem as narrativas observadas e dentre elas categorizaram-se propositadamente as algoritmizadas ou educ comunicativas, tensionando entre os aspectos éticos probabilísticos ou aspectos possíveis.

Dessa forma, e para essa investigação, observaram-se quatro reportagens nacionais, entre os dez primeiros resultados, sem considerar quaisquer conteúdos patrocinados, resultantes de pesquisa realizada com o termo “*TarefaSP*” no buscador Google, no dia 14 de julho de 2025. Todas relacionadas na **Tabela 1**, de forma sequencial:

Tabela 1 - Reportagens observadas

SEQUÊNCIA/ REPORTAGEM	AUTORIA/ DATA DE PUBLICAÇÃO	VEÍCULO DE DIVULGAÇÃO
1º - <i>IA vai ajudar alunos e professores na correção de tarefas em SP</i>	Heloísa Noronha, publicada e atualizada em 20/05/25 às 17h00	<i>CNN Brasil</i>
2º - <i>IA vai apoiar alunos e professores na correção de tarefas em SP</i>	Sem autor, publicada em 19/05/2025	<i>Fundação para o Desenvolvimento da Educação</i>
3º - <i>SP implanta piloto de IA na correção de tarefas da TarefaSP</i>	Sem autor, publicada em 19/05/2025	<i>Jn Contábil</i>
4º - <i>Rede estadual de ensino usa IA para correção de tarefas dos estudantes</i>	Redação, publicada em 20/05/2025, 15h29	<i>VEJA São Paulo</i>

Fonte: próprio autor, 2025.

Dessa maneira para a primeira reportagem intitulada: “*IA vai ajudar alunos e professores na correção de tarefas em SP*” publicada pela CNN

(2025), destaca-se em seu discurso os seis trechos, todos negritados na matéria, listados na **Tabela 2**:

Tabela 2 - Trechos negritados

<i>“[...] apoio de uma assistente de correção virtual por inteligência artificial nas atividades da ferramenta TarefaSP, destinada às lições de casa.”</i>
<i>“[...] apoiar os professores [...]”</i>
<i>“[...] As respostas dos estudantes na TarefaSP não valem nota [...]”</i>
<i>“[...] prioriza o tempo dos professores [...]”</i>
<i>“[...] ensinar e não somente corrigir as tarefas [...]”</i>
<i>“[...] O estudante pode avaliar o comentário que recebeu do assistente de correção [...]”</i>

Fonte: próprio autor, 2025.

Percebe-se pelos trechos acima uma preocupação e ênfase maior em descrever que o projeto irá oferecer sempre um suporte, tanto para o aluno como para o professor. Ressalta-se que este suporte é necessário, sobretudo, para os docentes, tendo como objetivo a economia de tempo e facilidade para todos os usuários. Além da, narrativa de convencimento que se mostra mais evidente, mesmo não existindo um apelo somente para a tecnologia, mas sim para somar comunicações e pedagogias mais eficientes, (sub)entendidas como práticas educomunacionais.

Para a segunda reportagem intitulada como: *“IA vai apoiar alunos e professores na correção de tarefas em SP”* divulgada pela *Fundação para o Desenvolvimento da Educação* (2025), os dois trechos listados na **Tabela 3**:

Tabela 3 - Trechos negritados

<i>“Desde janeiro de 2023, no início da gestão, a Secretaria da Educação implantou uma série de ações pedagógicas que tem como objetivo transformar a tecnologia em aliada do processo de ensino e aprendizagem dos 3 milhões de estudantes da rede pública do estado de São Paulo.”</i>
<i>“Além disso, até o fim deste primeiro semestre, a Educação está distribuindo 135 mil novos computadores e 8.100 plataformas de recarga móvel para os notebooks para as escolas da rede, e um investimento de R\$ 261,5 milhões.”</i>

Fonte: próprio autor, 2025.

Nota-se o verbo *“transformar”* nos trechos com o sentido da narrativa da probabilidade tecnológica de transformação, entendida como

algorítmica. Portanto, baseando-se em dados, entende-se que a tecnologia visa o bem comum, porém a dúvida recai se esse bem comum é sustentável ou efetivamente traz equidade para os 3 milhões de estudantes mencionados. O trecho final fundamenta um viés tecnológico, no entanto, se analisa a narrativa de quantificação para quanto maior o investimento em informática melhores podem ser os resultados a serem obtidos (CHARAUDEAU 2019: 43-64).

Na terceira reportagem nomeada como: “*SP implanta piloto de IA na correção de tarefas da TarefaSP*” divulgada pelo Jn Contábil (2025) são destacados diversos trechos listados na **Tabela 4**.

Tabela 4 - Trechos negritados

<i>“[...] Nas salas de aula da rede estadual de São Paulo, uma revolução silenciosa está em curso. Enquanto estudantes debruçam-se sobre suas tarefas e professores conduzem suas aulas, a tecnologia avança discretamente para transformar a forma como o aprendizado é avaliado e aprimorado [...].”</i>
<i>“[...] Por trás das telas de computadores e dispositivos móveis, algoritmos sofisticados começam a analisar respostas dissertativas, fornecendo feedback imediato e personalizado [...].”</i>
<i>“[...] O que testemunhamos é o início de uma transformação que vai além da simples automação de tarefas repetitivas. Trata-se de uma redefinição do papel da tecnologia na educação, onde ferramentas inteligentes tornam-se extensões do trabalho pedagógico, permitindo que a avaliação contínua seja mais eficiente e que o desenvolvimento de habilidades essenciais como escrita, argumentação e pensamento crítico ganhem novo impulso [...].”</i>
<i>“[...] O aspecto mais revolucionário desta abordagem, contudo, não está na tecnologia em si, mas no equilíbrio cuidadoso entre automação e intervenção humana [...].”</i>
<i>“Benefícios da Tecnologia no Desenvolvimento de Habilidades Essenciais”</i>
<i>“Otimização do Trabalho Docente: Mais Tempo para o Que Realmente Importa”</i>
<i>“Investimento Tecnológico como Estratégia Educacional”</i>
<i>“Avaliação Contínua e Personalizada: O Futuro do Aprendizado”</i>
<i>“Conclusão: Construindo a Escola do Futuro, Hoje”</i>
<i>“[...] A revolução silenciosa já começou, e seus efeitos ressoarão por gerações.”</i>

Fonte: próprio autor, 2025.

Pelos discursos desta reportagem, aliás a mais longa de todas as observadas, por isso, a que apresenta mais detalhes, observa-se claramente a relação entre os termos: “*revolução*”, “*tecnologia*” e “*futuro*”, com o propósito de informar que a revolução educacional acontece no presente e

somente é possível graças às tecnologias que utiliza. Neste caso, o aplicativo “*TarefaSP*” veio para exemplificar e comprovar essas relações, reforçado inclusive pelos subtítulos apresentados no texto e pela frase final.

Ou seja, além de transparecer a narrativa algoritmizada, indica-se que a revolução já se iniciou, porém de uma maneira silenciosa, no sentido de ser imperceptível, mas crescente e inevitável (MELLO 2003).

Para a quarta e última reportagem nomeada como: “*Rede estadual de ensino usa IA para correção de tarefas dos estudantes*” divulgada pela Veja São Paulo (2025) se destaca dois trechos listados na **Tabela 5**:

Tabela 5 - Trechos negritados

<i>“[...] Em nota, o Sindicato dos Professores de São Paulo (APEOESP) manifestou que as máquinas e programas de computador devem ser utilizados como meio de pesquisa e aprimoramento, mas não para substituir funções dos professores: “A Inteligência Artificial nada mais faz do que executar comandos executados por seres humanos. Os robôs na indústria executam movimentos precisos por serem repetitivos e previsíveis. Na educação, a realidade é muito diferente [...]”</i>
<i>“[...] No ano passado, o sindicato havia mostrado insatisfação com a implementação da IA no ensino estadual, quando a gestão anunciou um projeto piloto para usar a tecnologia na elaboração e aprimoramento de slides para sala de aula [...].”</i>

Fonte: próprio autor, 2025.

O discurso da matéria, do mesmo modo, apresenta trechos em negrito, porém em uma escala bem reduzida em comparação à reportagem 1. Assim, percebe-se de uma maneira geral os mesmos dados das reportagens anteriores, porém se destaca a preocupação para um ensino humanizado por parte do Sindicato dos Professores, quando é citado que à IA deve ser aplicada em condições precisas e repetitivas, quer dizer, com funções específicas.

Revelam-se narrativas educacionais demonstrando que a pedagogia humana deve ser enfatizada junto com uma comunicação eficiente, deixando para um segundo plano a parte tecnológica, se contrapondo diante das demais reportagens estudadas.

As questões exemplificadas e discutidas neste tópico ainda são enriquecidas pelo breve relato de experiência em campo do autor na perspectiva de complementar as abordagens narrativas.

Sendo assim, constata-se perante observações e escutas dos profissionais no meio um distanciamento e até indiferença sobre as características que possam ser consideradas nocivas no uso da ferramenta *Tarefasp*, mesmo entendendo sua crescente abrangência e complexidade nas atividades pedagógicas cotidianas. Os profissionais igualmente são unânimes no entendimento que o seu uso é imprescindível, colabora

positivamente e enaltecem o seu necessário papel tecnológico, mas desconhecem os critérios técnicos que utiliza ou mesmo as questões gerenciais de estímulo para uso.

Por fim reflete-se que mesmo em profissionais mais experientes, tanto atuantes em sala de aula com em partes administrativas e da coordenação, o desinteresse por um aprimoramento no letramento digital e algorítmico aprofundado, fator que pode colaborar para o desconhecimento técnico constatado.

Contratos comunicacionais: entre o provável e o possível

Para Charaudeau (2019) comunicação envolve conceitos pré-estabelecidos e exemplificados através da metáfora de um contrato comunicacional, isto é, um conjunto de regras, mesmo que sejam subentendidas, que dão suporte ao discurso e sua organização entre os interlocutores.

Os princípios para uma organização discursal produtiva envolvem primeiro o descritivo, no intuito de nomear e qualificar o contexto que o cerca; a parte narrativa, que consiste em saber descrever o enredo, as ações e as histórias dos protagonistas; a parte argumentativa que envolve conceitos de causalidade entre os acontecimentos verdadeiros ou falsos e por último a verossimilidade, com o objetivo de posicionar o locutor e o interlocutor na história. (MELLO 2003; CHARAUDEAU 2019: 43-64).

Quando se transporta o conceito contratual para a área jornalística que envolve as reportagens levantadas junto com os referenciais teóricos e as experiências em campo, através dos relatos¹³ de professores e da observação dos ambientes educacionais, inevitavelmente se desenvolve debates, logo disputas diante de suas aplicações, uma vez que naturalmente se geram expectativas para que esses contratos sejam cumpridos em vista dos elementos que os compõem (CHARAUDEAU 2019).

Mais ainda, que as narrativas, resultantes desses contratos, culminem em dois tipos de futuros pois compreende-se que são (a princípio) contraditórias, nesse caso entendidas em um futuro tecnológico provável, portanto baseado em algoritmos e um futuro possível comunitário, com isso educomunicativo (APPADURAI 2015).

Pelo levantamento bibliográfico concretizado no estudo e diante da breve experiência em campo vivenciada, seja pelos depoimentos e práticas profissionais percebidas, observa-se um desejo inerente de transformação na área pelos colaboradores e alunado, no intuito de que os aparatos tecnológicos, sejam eles softwares ou hardwares, atrelados a dispositivos ou manuseados pela web objetivam, ao menos minimamente, renovar o

¹³ Nesse caso pontuam-se as experiências vivenciadas;

sistema de ensino e de aprendizagem considerados de certa forma ineficientes, isto é, aquém das expectativas almejadas por discentes e docentes.

A questão da probabilidade toma corpo neste campo porque envolve além do apreço natural à aplicação de novas tendências também o efeito inusitado deste “novo”, leia-se os softwares e suas instruções, perante a promessa de agilidade na realização de tarefas pedagógicas cotidianas, conseqüentemente, e este fato foi observado nas reportagens, há um compromisso entre professor e aluno no ganho da produtividade (JENKINS 2009; SOARES 2011).

O futuro provável frente ao contexto reforça a questão da “facilidade”, como elemento engajador, inerente aos aspectos de pós-modernidade tecnológica, hoje traduzidas dentre tantas tecnologias como a própria inteligência artificial em ascensão¹⁴ (ELLIOT 2023).

Aliás, a questão da pós-modernidade evoca uma narrativa particular pois para Sodré & Yamamoto (2014: 82): “[...] *designa um capítulo da história recente da sociedade humana ocidental, que [...] se diz atravessada por um momento de transição entre aspectos da vida moderna e algo novo, [...]*”

No entanto, este pós-moderno carece de definição temporal. Isto é, ainda não existe um consenso para diversos autores de qual marco histórico “registra” o final da era moderna e o início da era “pós-moderna” (SODRÉ & YAMAMOTO 2014: 82-92).

Um dos possíveis indícios, segundo os autores (SODRÉ & YAMAMOTO 2014: 83-84) é a obra publicada no final da década de 70 pelo filósofo francês: Jean-François Lyotard intitulada: *La condition postmoderne*¹⁵, onde o autor se referia ao fato de que justamente a partir desta época passou a surgir um conjunto de experiências e de sensibilidades sociais que preconizavam mudanças em diversas áreas como nas áreas da ciência e das artes.

Lyotard justificava o fim das metanarrativas¹⁶, permeadas por ideologias como o iluminismo, o cristianismo e o marxismo (SODRÉ & YAMAMOTO 2014: 85-92).

Os eventos observados após a publicação do estudo confirmaram (e ainda confirmam) essas mudanças com a relativização de valores, dentre eles temos conceitos modernos como (novos) movimentos sociais ambientais e feministas e os pluralismos culturais, políticos e religiosos além do principal ponto a ser conectado a este estudo: a ênfase no sujeito, no individualismo em conjunto com os avanços informacionais e digitais.

¹⁴ O lançamento do ChatGPT3 é um exemplo claro de ferramental que utilizando a IA possibilitou sua expansão.

¹⁵ Em língua portuguesa foi traduzido como: A condição pós-moderna.

¹⁶ Entendidas como explicações abrangentes sobre a sociedade e história.

A proeminência da indústria cultural e da banalização do efêmero, trazendo à tona igualmente relações líquidas, já teorizadas por Bauman (1999), resultam na busca pela satisfação do individualismo. O espaço, ou melhor campo narrativo estava aberto com a chamada “*corrosão do sujeito coletivo*”¹⁷ (SODRÉ & YAMAMOTO 2014: 85-92; HOHLFELDT; MARTINO & FRANÇA 2015).

Ressalta-se, para os autores (SODRÉ & YAMAMOTO 2014: 84) que: “[...] pensadores como [...] Deleuze, [...] Guattari, [...] Foucault, [...] Derrida ganharam reconhecimento mundial e rótulos distintos: pós-estruturalistas, pós-metafísicos, [...] ou, simplesmente, pós-modernos.”

Se as novas metanarrativas davam margem para novos campos tecnicistas, reflete-se que todo esse modernismo que pode resultar probabilisticamente em um futuro calculado, preciso e orquestrado carece de um elemento fundamental que igualmente foi observado em vista das análises de discursos dos agentes que compõem os campos educativos que o autor interagiu, um elemento que pode funcionar como contraponto, ou uma disputa, dependendo da ótica, para as próximas discussões, que se trata justamente do diálogo (CHARAUDEAU 2019).

Considerações finais

Conclui-se, amparado pelo levantamento bibliográfico e pela interpretação dos dados, um campo de disputas sobre qual futuro é mais apropriado, exemplificado pelos diferentes discursos das narrativas e pela escuta empírica verificada entre os seus agentes e ambientes.

Sendo assim, se reflete sobre dois pontos: em primeiro lugar o uso da IA não deve ser percebido como proibitivo ou desestimulante e sim necessário pelo poder algoritmizado expansivo que o envolve, além, principalmente, por suas comprovadas qualidades como ferramenta de otimização de tarefas, desde que sejam usadas com parcimônia (SANTAELLA 2023). Em segundo a cautela no uso da IA e de aplicações para soluções tecnológicas.

Essa prudência se deve diante da impressão que as narrativas tecnológicas evidenciadas mascaram deficiências como a falta de interatividade, especificamente na parte social e computacional, logo no letramento digital, fora a ocupação de vagas e funções de trabalho.

Por mais que o futuro tenda a ser probabilístico ele precisa ser materializado, isto é, precisa ser factível, por isso o que se observa nas projeções discursais é que se tem hipóteses bem orquestradas, no entanto as mesmas carecem de resultados comprovadamente efetivos a médio e longo prazo viáveis e igualmente inclusivos.

A própria titulação “*Sala do Futuro*” como uma plataforma de ferramentas com o objetivo de agilizar e revolucionar as aplicações

¹⁷ Entendido pelo esvaziamento do caráter mais social em detrimento do viés individual.

pedagógicas ressalta essa parte. Demonstra-se assim uma contradição na práxis entre narrativas algoritmizadas e educomunicacionais.

O uso da IA no aplicativo “*TarefaSP*”, seja por projeto piloto, é mais um exemplo deste embate, pois não está exatamente claro para os usuários (professores e alunos) de como a tecnologia pode ser aplicada para solucionar a otimização de tempo e de recursos dispendidos, tornando somente evidente o propósito por parte dos patrocinadores governamentais da necessidade de sua aplicação abrangente (SALA DO FUTURO).

Finalmente enumera-se que as temáticas éticas e dicotômicas teorizadas por Appadurai (2015) sobre a construção social do futuro podem trazer novas reflexões positivas do quadro desenhado, mas para que haja sua materialização é primordial realizar incessantes experimentações, modelando novos cenários, apesar do presente hiperconectado conjugado à inteligência artificial apontar os ressaltados vieses futuros probabilísticos.

Referências

APPADURAI, A. (2015). *“El futuro como hecho cultural: ensayos sobre la condición global”*. México D.F., Fondo de Cultura Económica de Argentina: 241-280.

BAUMAN, Z. (1999). *“Globalização: as consequências humanas”*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

BROCKMEIER, J. & HARRÉ, R. (2003). “Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo”. *Psicologia: Reflexão Crítica*, v. 16, n. 3: 525-535.

CITELLI, A.O. & COSTA, M.C.C. (Orgs.) (2011). *“Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento”*. São Paulo, Paulinas: 11-22.

CHARAUDEAU, P. (2019). *“Linguagem e Discurso: modos de organização”*. São Paulo, Contexto: 43-64.

ELLIOT, B. (2023). “Como o ChatGPT está agitando o mercado de inteligência artificial”. ABES, 3 mar. Disponível em: <https://abes.com.br/como-o-chatgpt-esta-agitando-o-mercado-de-inteligencia-artificial/>. Acesso em: 15/07/2025.

FDE — FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. (2025). “IA vai apoiar alunos e professores na correção de Tarefas em SP”. FDE. 19 mai. Disponível em: <https://www.fde.sp.gov.br/PagePublic/InternaNoticias.aspx?codNoticia=8731&codigoMenu=49>. Acesso em: 14/07/2025.

G1 SÃO PAULO (2025). "Governo de SP vai usar inteligência artificial para corrigir lições de alunos em projeto experimental". *G1*, 19 mai. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/05/19/governo-de-sp-vai-usar-inteligencia-artificial-para-corrigir-licoes-de-alunos-em-projeto-experimental.ghtml>. Acesso em: 14/07/2025.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.C. & FRANÇA, V.V. (Orgs.) (2015). *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ, Vozes.

HORA, N. da (2023). *My News explica! Algoritmos*. São Paulo, Edições 70: 19-40.

JENKINS, H. (2009). *Cultura da Convergência*. São Paulo, Aleph: 135-186.

JN CONTÁBIL MG. (2025). "SP implanta piloto de IA na correção de tarefas da TarefaSP". *JN CONTÁBIL*. 19 mai. Disponível em: <https://jncontabil-mg.com.br/sp-implanta-piloto-de-ia-na-correcao-de-tarefas-da-tarefasp/>. Acesso em: 14/07/2025.

MAAR, W.L. (2014). "Ação Comunicativa". In: CITELLI, A.; BERGER, C.; BACCEGA, M.A.; LOPES, M.I.V. & FRANÇA, V.V. (Orgs.). *Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores*. São Paulo, Contexto: 13-15.

MELLO, R. de (2003). "O quadro do Contrato comunicacional de Patrick Charaudeau e o Texto Literário". *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 8: 41-54, nov. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/29907/23505>. Acesso em: 11/07/2025.

MINAYO, M.C.S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo, Hucitec.

NORONHA, H. (2025). "IA vai ajudar alunos e professores na correção de tarefas em SP". *CNN Brasil*, 20 mai. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/educacao/ia-vai-ajudar-alunos-e-professores-na-correcao-de-tarefas-em-sp/>. Acesso em: 14/07/2025.

SALA DO FUTURO (S/D). "Você sabe o que é a Sala do Futuro?" *SP.GOV.BR*. Disponível em: <https://saladofuturo.educacao.sp.gov.br/escolha-de-perfil>. Acesso em: 13/07/2025.

SANTAELLA, L. (2023). *A inteligência artificial é inteligente?*. São Paulo, Edições 70: 9-44.

SÃO PAULO (2025). “Sala do Futuro — 2025 (Servidor)”. São Paulo: Governo do Estado. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/wp-content/uploads/2025/02/Sala-do-Futuro-Alunos-Visao-Geral-Perfil-Servidor-2025.pdf>

Acesso em: 12/07/2025.

SIMÕES, P.G. & FRANÇA, V.V. (2016). “*Curso básico de Teorias da Comunicação*”. Belo Horizonte, Autêntica Editora.

SOARES, I.O. (2011). “*Educomunicação: conceito, o profissional e aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio*”. São Paulo, Paulinas: 13-42.

SODRÉ, M. & YAMAMOTO, E.Y. (2014). “Comunicação e Pós-modernidade”. In: CITELLI, A.; BERGER, C.; BACCEGA, M.A.; LOPES, M.I.V. & FRANÇA, V.V. (Orgs.). *Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores*. São Paulo, Contexto: 82-92.

TAREFASP (S/D). “Diretoria de Ensino Região de Presidente Prudente”. *TarefaSP*. Disponível em:

<https://depresidenteprudente.educacao.sp.gov.br/tarefasp/>

Acesso em: 16/07/2025.

VEJA SÃO PAULO (2025). “Rede estadual de ensino usa IA para correção de tarefas dos estudantes”. *Veja São Paulo*, 20 mai. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/rede-estadual-de-ensino-usa-ia-para-correcao-de-tarefas-dos-estudantes/>

Acesso em: 14/07/2025.

Sobre o autor

Carlos Batista é doutorando em Comunicação (PPGCOM — UNIP/SP), com pesquisas nas áreas da Educomunicação e da Inteligência Artificial; Mestre em Educação (UNIB, 2023); Autor de livros e coletâneas nas áreas da Educação e Comunicação, palestrante, orientador pedagógico, Tutor EaD de Polos EaD na cidade de São Paulo e grande São Paulo vinculados à Universidade Paulista (UNIP) desde 2017. Membro do Comunidade de Professores Autores (CPA) e dos grupos de pesquisas MITECHIS (UFT-GO) e Narratopias: narrativas, temporalidades e Tecnologias da Comunicação (UNIP-SP). Dentre suas principais pós-graduações *lato sensu*, destacam-se: Redação e Oratória e Literatura Brasileira (Faculdade São Luís - SP), Docência do Ensino Superior (FMU - SP); Formação em Educação a Distância, realizada (UNIP - SP) e MBA em Marketing e Vendas (FMU (SP). Graduado em Pedagogia (FCE, 2022), onde apresentou como artigo de conclusão de curso,

uma pesquisa que discute a relação entre o docente na sala de avaliação. É também graduado em Letras-Inglês (UNIP, 2020), com o TCC sobre a pesquisa de Mídias Sociais. Além de Desenho Industrial (na FAAP, em 1999), com o TCC *Hydrogen Utility* onde foi apresentado um projeto de carro com tecnologias a serem desenvolvidas nas próximas décadas.